

A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA SOCIAL: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

SCHOOL AS SOCIAL INSTITUTION IMAGINARY: CONTEMPORARY CHALLENGES OF EDUCATION

Monique da Silva ¹

Valeska Fortes de Oliveira ²

RESUMO: Este artigo apresenta a teoria do Imaginário Social (CASTORIADIS, 1982) articulada com dois filmes que retratam a educação brasileira no século XXI, suas potencialidades e precariedades. Neste contexto refletimos sobre os desafios da educação na contemporaneidade e a abertura trazida pelo artigo 15º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) que permite as escolas autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira. Escolhemos os documentários *Carregadoras de Sonhos* (FIUZA, 2009) e *Quando sinto que já sei* (SAGRADO, 2014) com o intuito de dialogarmos com o leitor a fim de propor que vejamos a educação como uma instituição imaginária social criada por nós, sujeitos originalmente capazes de instituir suas formas de ser e estar no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário social; Instituição imaginária social; Educação brasileira contemporânea.

ABSTRACT: This article presents the theory of social imaginary (CASTORIADIS, 1982) combined with two films that portray the Brazilian education in the twenty-first century, its potential and precariousness. In this context reflect on the challenges of education in contemporary and openness brought by Article 15 of the Law of Directives and Bases of National Education - LDB (BRAZIL, 1996) that allows schools pedagogical and administrative autonomy and financial management. Choose the documentary *Dreams loaders* (FIUZA, 2009) and *When I feel I already know* (SAGRADO, 2014) in order to talk with the reader in order to propose that we see education as a social imaginary institution created by us, subject originally able to establish their ways of being in the world.

KEYWORDS: Social imaginary; imaginary Social institution; Brazilian contemporary education



Vol. II Número 21 jan./jul. 2016

p. 055 - 069

¹ Doutoranda em Educação, participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS, todos pela Universidade Federal de Santa Maria. Assessora Pedagógica da Pró-Reitoria de Ensino e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha moniquedasilva88@gmail.com.

² Doutora em Educação, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS, e Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria. guiza@terra.com.br.

Introdução: para compreender a teoria do Imaginário Social

A partir do desejo de escrevermos nossas reflexões sobre *educação e contemporaneidade* elaboramos o presente artigo. Aqui exporemos a teoria do Imaginário Social (CASTORIADIS, 1982) articulada com dois filmes documentários que retratam a educação brasileira no século XXI, suas potencialidades e precariedades. Nosso intuito é dialogarmos com o leitor a fim de propor que vejamos a *educação* como uma instituição imaginária social criada por nós, sujeitos originalmente capazes de instituir suas formas de ser e estar no mundo.

Existem várias definições possíveis para imaginário, por exemplo, o que só existe na imaginação, o que é contrário ao real, o que é quimérico, o que é fictício, ilusório, inexistente, etc. Porém, falaremos de outra delas, a partir do proposto por Cornelius Castoriadis, este texto apresenta o que é *Imaginário Social*, teorização que se distingue das outras definições.

Aquilo que, a partir de 1964, denominei o imaginário social – termo retomado depois e utilizado um pouco a torto e a direito – e, mais genericamente, o que denomino o imaginário, nada tem a ver com as representações que circulam correntemente sob este título. Em particular, isso nada tem a ver com o que algumas correntes psicanalíticas apresentam como “imaginário”: o “especular”, que, evidentemente, é apenas imagem de e imagem refletida, ou seja, *reflexo*, ou, em outras palavras ainda, subproduto da ontologia platônica (*eidolon*), ainda que os utilizem o termo ignorem sua origem. O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. (CASTORIADIS, 1982, p. 13 – grifo do autor)

Determinado o imaginário de que falamos, diferenciando-o do senso comum a partir da palavra, ainda é preciso esclarecer que este imaginário social, é o que Castoriadis chama de *imaginário segundo*. Ele é fruto do *imaginário radical* (o primeiro) aliado à capacidade de *criação* dos homens, que constroem *significações imaginárias* e *símbolos* que constituem o que chamamos aqui de *imaginário social*.

Imaginário social é algo que tem o poder de instituir, no, e através do coletivo, significações imaginárias sociais, instituições e símbolos, que, ao mesmo tempo em que criam a sociedade como ela é, por ela são criados como eles são. É o imaginário social que faz existir a sociedade com suas culturas, ritos, mitos, costumes, normas, instituições, e tudo mais que a sustenta e compõe. Ou seja, vivemos no, e para o, imaginário, não há pensamento que não passe pelas significações, nem leitura de mundo que não parta do universo simbólico instituído.

Esse imaginário social que cria a linguagem, que cria as instituições, que cria a própria forma da instituição – que não tem sentido na perspectiva da psique singular – nós só podemos pensá-lo como a capacidade criativa do coletivo anônimo, que se realiza a cada vez que os seres humanos se reúnem, e assume uma figura singular, instituída para existir. (CASTORIADIS, 2002, p. 130)

Composto por significações e símbolos, os imaginários criados por cada sociedade, fazem existir um mundo no qual elas se constituem, ao instituírem seus sistemas de normas e instituições no sentido mais amplo do termo. Instituem também, seus valores, orientações e finalidades, da vida individual e coletiva. Por exemplo, a maneira com que a polis grega era organizada passava pelo imaginário social da época, bem como todos os costumes da Idade Média que foram ditados pela Igreja Católica dizendo o que era certo ou errado, da mesma forma que, na modernidade, organizamos nossas fábricas e escolas a partir da novidade que surgia, o capitalismo.

Não há nada de visual no imaginário social, ele não é criação de imagens, mesmo

que muitos dos seus símbolos se mostrem nas pichações das cidades, aquilo não é o imaginário e sim uma manifestação dele. As criações do imaginário social, por exemplo, os deuses, as regras, o capitalismo, o tempo, nada disso é visível, nem audível, e por isso dizemos que o imaginário é aquilo que é significável, é aquilo que faz, e dá, sentido. E é através dos símbolos que ele passa do virtual para o real.

Nesta perspectiva as significações imaginárias sociais e as instituições, uma vez criadas, representam determinadas ideias e coisas, isso tudo de cristaliza e passa a existir na sociedade, constituindo o que Castoriadis (1982) chama de *imaginário social instituído*. Imaginário este que representa o que está posto, ao mesmo tempo que assegura a reprodução, a continuidade das formas sociais e dos modos individuais.

Este imaginário social instituído é o conjunto de significações, símbolos, mitos, formas, normas, ações e instituições que compõem uma sociedade como ela é no momento exato; ele dura o tempo que transcorre até uma mudança histórica, radical ou parcial, ocorrer naquele meio. O instituído é o que está posto, é as coisas como elas são, é o vigente, ou seja, vivemos sob o jugo do imaginário que instituímos e sua lógica conjuntista-identitária.

Vemos imediatamente que a própria existência da sociedade, como fazer coletivo organizado, é impossível sem uma tal lógica em uso. Qualquer que seja aliás o tipo e o conteúdo da organização global e detalhada do mundo e de si mesma, instituídos pela sociedade; quaisquer que sejam as significações imaginárias que a subtendem e o fluido mágico, mítico, religioso que a percorre; qualquer que seja o modo de pensamento que a acompanha (“pré-lógico”, por “participação”, etc.), o fazer social pressupõe sempre e se refere a “objetos” (no sentido mais lato desse termo) distintos e definidos, componíveis e decomponíveis, definidores e indefiníveis por “propriedades” bem fixadas. (CASTORIADIS, 1987a, p.274)

Estas “propriedades bem fixadas” é o que sustenta um imaginário instituído, sua lógica conjuntista-identitária o organiza e o mantém, auxiliando no *fechamento* do imaginário das sociedades. Esta lógica enraíza-se na instituição da sociedade e traduz as necessidades funcionais-instrumentais da mesma entre o determinado e o necessário, além de tornar possível a presentificação das significações imaginárias sociais. Ou seja,

Não pode haver sociedade humana sem um componente funcional. É o campo da lógica conjuntista-identitária (conídica), o *leigen* e o *teuchein*. Não pode haver sociedade sem aritmética, nem sociedade em que os utensílios não tenham efeitos determinados sobre a matéria que se trabalha, em que as instituições não possuam uma certa funcionalidade, uma coerência conjuntista-identitária. (CASTORIADIS, 2004, p.149)

A lógica conjuntista-identitária potencializa o que o imaginário instituído tem de funcional e a partir disso constrói a sociedade como ela é, influenciando diretamente na criação das *instituições imaginárias sociais*. Mas o que é uma instituição? É uma rede simbólica que combina componentes funcionais e imaginários e institui-se materialmente na vida social (CASTORIADIS, 1982). Essas se constituem a maneira do imaginário de cada sociedade, produzindo os sujeitos e influenciando no cotidiano, são compostas também de significações imaginárias e símbolos, sua principal característica é que elas são construídas a partir do imaginário, mas se solidificam no real.

Para Castoriadis (2004) existe a *instituição primeira da sociedade*, que diz respeito ao fato da sociedade *criar* a ela mesma e, a cada vez que faz isso, o faz criando instituições animadas por significações imaginárias sociais específicas a si. Por exemplo, a sociedade grega se constituiu de maneira diferente da sociedade egípcia, que era diferente da sociedade hebraica; a sociedade francesa institui-se de outra forma ainda, forma diferente da sociedade americana e, atualmente, nenhuma mais é como era antes; são outras e, mesmo assim,

possuem suas raízes distintas. Outro exemplo é que, apesar de nossa colonização portuguesa, a sociedade brasileira carrega características que só ela tem e que compõem sua instituição primeira, aquilo que é só dela e a torna única.

Esta instituição primeira se articula e se instrumenta em *instituições segundas* (CASTORIADIS, 2004), que podem ser divididas em duas categorias básicas, as *transistóricas* e as *específicas*. As *transistóricas* são as que possuem um caráter abstrato, por exemplo, a linguagem, que é diferente em cada sociedade, mas não há nenhuma que não a possua; outro exemplo é o indivíduo, que é um tipo concreto e diferente em cada sociedade, mesmo que todas possuam um determinado tipo de indivíduo. Já as *específicas* são determinadas por cumprirem um papel central nas sociedades, ter uma importância vital para a mesma e influenciar, direta ou indiretamente, todas as suas significações imaginárias. Por exemplo, a polis grega, instituição esta que dita toda a forma de vida naquela sociedade e outro exemplo pode ser a empresa capitalista que dominou, e talvez ainda domine, as sociedades modernas. Em resumo, utilizando as palavras de Castoriadis, “tais instituições segundas, aquelas que são transistóricas e aquelas que são específicas, tecidas juntas, dão em cada caso a textura concreta da sociedade considerada” (CASTORIADIS, 2004, p. 170).

A Escola como uma Instituição Imaginária Social: educação e contemporaneidade

Compreendemos que a *escola* é uma *instituição imaginária social segunda específica*, no Brasil, ela é criada pelos “indivíduos” – *instituição imaginária social segunda transistórica* – brasileiros que possuem seu perfil único. E esta instituição escola possui um caráter funcional e outro imaginário que a torna útil à esta sociedade, ao mesmo tempo que repleta de símbolos e significações.

Na história da educação brasileira, e de nossas escolas, foi sendo construída ao longo das oito Constituições, aprimorando-se e popularizando-se, de maneira lenta e gradual. De maneira geral, entre a primeira Constituição Imperial de 1824 que fixou a gratuidade do ensino primário, até última Constituição em 1988 que previa igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, pluralismo de ideias, gestão democrática, gratuidade do ensino público em todos os níveis e valorização dos profissionais do ensino (BRASIL, 1988), houve uma mudança radical na educação do país, e, se a tomarmos como a instituição imaginária social que ela é, fica visível os movimentos instituintes que ocorreram. Mas eles são suficientes?

Nos idos de 1988 instituiu-se na Constituição, no maior documento do país, a valorização dos professores; e o que impede a lei de sair do papel e se tornar imaginário efetivo? Institui-se em lei, também, a qualidade da educação, e o acesso, porém, nosso país ocupa a vergonhosa posição de sexagésimo, dos setenta e seis países avaliados no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) (BRASIL, 2015). Por qual fresta escoam as boas intenções?

Hoje todos falam na crise da educação, em programas, em conteúdos, na relação pedagógica, etc. (...). Mas o aspecto essencial desta crise, e do qual ninguém fala, está em outro lugar. O fato é que ninguém mais se dedica à escola e à educação, enquanto tais. Não faz tanto tempo, a escola era para os pais um lugar digno de veneração, para as crianças um universo quase completo, para os mestres mais ou menos uma vocação. Hoje, ela é, para mestres e alunos, uma corveia instrumental, lugar do ganha-pão presente ou futuro (ou um entrave incompreensível e rejeitado) e, para os pais, uma fonte de angústia: será que o filho, ou a filha, conseguirá a admissão aos degraus que conduzem ao ingresso na universidade? (CASTORIADIS, 1987b, p. 101)

Iniciemos nossas reflexões sobre a educação a partir do que está posto na grande maioria das nossas escolas, a degeneração do imaginário instituinte da sociedade. A

imaginação radical de nossos gestores e docentes foi reprimida a ponto de nem greves mais serem mobilizadas com força. Nos bancos universitários, ousamos dizer que a formação de professores não tem contribuído significativamente para uma nova geração diferente. Porém, ainda vemos alguns movimentos isolados, algumas ações tímidas e ouvimos esparsos discursos de mudança.

Desejamos autonomia social, mas temos medo de desprendermo-nos dos ferrolhos das disciplinas, das grades curriculares, dos sinais, do controle. Acreditamos que vivemos atualmente um cruzamento de caminhos, o primeiro já está traçado e podemos repeti-lo infinitamente, como autômatos conformados, o caminho da perda do sentido, da apatia e da irresponsabilidade sobre o posto. O outro caminho é assustadoramente aberto, não está traçado, só se construirá a partir de um despertar político e social surgido de um projeto de autonomia individual e coletiva, da vontade de liberdade e do poder de criação dos homens.

Retomamos neste debate uma importante provocação de Maffesoli (1998, p.p. 192) quando da política e a iluminação pelos sentidos:

A política, evidentemente, que se tornou um vasto espetáculo de variedade que funcionam mais sobre a emoção e a sedução do que sobre a convicção ideológica; mas igualmente, o trabalho, onde a energia libidinal exerce um papel importante; e não esquecendo todas as eferescências musicais e esportivas que são tudo menos racionais.

Essa hermenêutica do social que compartilhamos com Maffesoli (1998, p.193), incluindo não somente as movimentações musicais e esportivas, mas nas últimas manifestações no país, confrontos não somente entre projetos de sociedade mas demonstração de diferentes energias de ambiência emocional.

E essa figura emblemática é, essencialmente estética, o que quer dizer que favorece e conforta as emoções e as vibrações comuns. Saber 'dionisíaco' é aquele que reconhece essa ambiência emocional, descreve seus contornos, participando, assim, de uma hermenêutica social que desperta em cada um de nós o sentido que ficou sedimentado na memória coletiva.

A provocativa reflexão produzida por Maffesoli (1998) sobre o que chama do "formismo", a importância assumida pela aparência, colocando a margem o sensível, a perda do senso estético, que segundo esse pensador, tem sido um erro epistemológico, também tem se mostrado cara às discussões na área educacional.

E como podemos visualizar estes dois caminhos? Trazemos como exemplo dois filmes documentários produzidos no Brasil, que retratam feliz e dolorosamente, nossa atual situação. Eles refletem as significações e os símbolos que compõem o imaginário educacional brasileiro, traduzem nossas leis em ações, desmistificam algumas ideias, apontam caminhos, fotografam realidades e, principalmente, tocam nossas feridas e massageiam alguns egos ao dizerem claramente, as coisas estão assim porque nós/vocês, construíram e mantêm estas instituições imaginárias sociais.

O primeiro documentário chama-se *Carregadoras de Sonhos*, produzido, em 2009, pelo Sindicato dos Professores de Sergipe (SINTESE) e dirigido por Deivison Fiúza. Ele traz a história e o cotidiano de quatro professoras de escolas públicas do estado de Sergipe, sua rotina, os desafios, os sonhos, desalentos, esperanças e frustrações, reflexões das docentes sobre reprovação, financiamento, ensino público, ser professor, política, educação de qualidade, entre outros temas. No documentário fica claro que, apesar do estado ser o 4º maior produtor de petróleo do Brasil e o maior produtor de cimento do Nordeste, a educação é precária em estrutura, o que impossibilita qualquer ideia de qualidade. Vejamos

as quatro professoras:

Edielma dos Santos, formada em Pedagogia, especialista em Educação Inclusiva, trabalha em duas escolas, em cidades diferentes, para chegar até elas, em um mesmo dia pega cinco tipos diferentes de transporte. Ela conta que saiu da escola particular porque desejava a liberdade que a escola pública propicia, mas que sua autonomia acabou transformando-se em um grande desafio, o de superar a total falta de estrutura das escolas. Em determinado momento do documentário ela diz que *“a escola recebe a normativa de não reprovar os alunos, porque isso baixaria os recursos financeiros que a mesma recebe, e isso faz com que a educação aconteça de forma mascarada e prejudica a todos”* (FIUZA, 2009, 20:44min).

E aí entram questões muito sérias para refletirmos, o quando somos passivos em relação às avaliações em larga escala postas no Brasil, aos mandos e desmandos dos economistas do Banco Mundial que influenciam diretamente na qualidade da nossa educação. Pois, se a intenção não é ruim, a maneira com que ela chega até as escolas é a pior possível, o medo dos índices que não dizem nada da fome que o aluno passa, nem da maratona percorrida pela professora, todos são números, que se convertem em notas.

Isso me lembra uma história que me foi contada por Henri Atlan sobre o bêbado que procura sua chave sob o lampadário, o outro passa e pergunta: *“o que você está fazendo aí?”* *“Estou procurando a minha chave...”* *“Você tem certeza de que caiu debaixo do lampadário?”* *“De jeito nenhum, tenho certeza de que caiu em outro lugar!”* *“Mas então por que está procurando debaixo do lampadário?”* *“Porque é aqui que tem luz!”*. (CASTORIADIS, 2004, p.380)

Quantificar nossas crianças, transformar falsos índices em escalas e traduzi-las em dinheiro, é isso que avaliações em larga escala fazem através de diversos instrumentos, de distintos países, que compõem o PISA. Programa, este, que tem como objetivo *“produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação nos países participantes, de modo a subsidiar políticas de melhoria do ensino básico”* (INER, PISA, 2015). Assim, estamos procurando as fragilidades da educação apenas onde tem luz, como bêbados, deixando de lado todo o universo que envolve a educação no país, aspectos que nenhum ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), nenhuma Provinha Brasil ou IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) mostram com clareza.

Outra professora retratada pelo documentário *Carregadoras de Sonhos* (2009) chama-se Marta Passos, ela é Pedagoga e percorre cento e sessenta quilômetros diários, em estrada de chão, para chegar até a escola onde trabalhada, escola esta que por ora está localizada em uma casa alugada, de dois cômodos, sem água, nem luz.

A educação é tratada com muito descaso no Brasil devido aos políticos, porque eles não querem pessoas que pensem, querem apenas alunos que saibam o 'a, e, i, o, u', que saiam formados sem muitas vezes saber ler um texto direito, pois quando as pessoas pensam, quando as pessoas tem uma ideia fixa elas procuram os seus direitos e os políticos não querem que elas façam isso, eles preferem dar um bujão de gás, pagar uma água, uma luz e para eles já ganhou este voto, ele não quer ninguém que pense para estar cobrando o que ele deve fazer. (FIUZA, 2009, 22:16min).

Não precisa ter lido a vasta obra de Castoriadis para compreender o sentido de heteronomia, basta viver na pele, ou colocar-se no lugar, de professores de escola pública que refletem sobre a sua precária situação. Já falamos sobre isso, a educação é um dos mecanismos de controle e reprodução do imaginário instituído mais eficazes que as sociedades já instituíram e ela está presente em todas, de uma forma ou de outra. E no caso das nossas escolas, com seus livros didáticos que falam sobre a neve às crianças nordestinas, que ainda propõem textos como *“Ivo viu a uva, o que Ivo viu?”*, temos um exemplo muito

nítido disso, mesmo que Paulo Freire tenha morrido com cabelos brancos de tanto repetir que o que faltava em nossa educação, era o exercício da autonomia dos indivíduos.

E porque tanto medo da autonomia? Castoriadis responde, dizendo que “a autonomia é a capacidade de colocar em questão a instituição dada da sociedade – e é esta instituição que, por intermédio sobretudo da educação, deve torná-los capazes de colocá-la em questão” (CASTORIADIS, 2004, p.286). Ou seja, não é, de fato, do interesse da maioria dos governantes uma população autônoma; é na escola que a imaginação radical, a criação e o imaginário instituinte dos jovens é ensinado a se calar, sentar quieto em fila, baixar a cabeça e, literalmente, copiar.

Isso tudo vai ao encontro da fala da professora Maraisa Santos, quando esta comenta que “*no dia em que a sociedade e os estudantes tiverem consciência que a educação é o que modifica a sociedade, tudo vai ser diferente; quem está no poder sabe disso, o que falta é o povo saber*” (FIUZA, 2009, 61:00min). A terceira professora apresentada no filme é docente da disciplina de Inglês, ela ensina uma língua que, tristemente, nem ela sabe, para crianças e jovens que mal falam o Português corretamente. Atua em um vilarejo tão remoto que ela só consegue chegar em cima de um “pau-de-arara”, a escola não tem água, funcionários, livros ou banheiro.

Aí entramos também em questões sobre o currículo e a função da escola, pois é impossível não nos questionarmos o porquê de crianças do interior, do interior de Sergipe, passarem uma manhã “aprendendo” o verbo “to be”. É claro que nosso sistema educativo está em crise, há muito tempo está em crise, com os conteúdos, a legislação, o financiamento. Outra coisa dita pela professora e que muito nos chama a atenção é que “*na faculdade, eu jamais imaginei que um dia, para ser professora, eu teria que andar em cima de um pau de arara, nunca me disseram isso*” (FIUZA, 2009, 59:09min). Nunca dissemos tantas coisas aos nossos jovens graduandos das licenciaturas.

Por último, a professora Rose Nunes, Pedagoga, pergunta “*onde está todo o apoio que a escola precisa? Aqui tem muita criança, mas pouca infância, pois toda formação caiu sobre a escola, valores éticos, normas e conteúdo*” (FIUZA, 2009, 27:27min).

Antigamente, a família constituía o elo concreto entre a instituição social e a formação da psique individual; pouco importando, a esse respeito, as críticas (justificadas) que poderiam ser dirigidas a seu caráter patriarcal, etc. O grande acontecimento atual é a desarticulação da família. Não estou me referindo as estatísticas de divórcio, mas ao fato de que a família não é mais um centro normativo: os pais já não sabem mais o que devem permitir e proibir. E, quer proibam ou não proibam sentem um peso na consciência. Em teoria, esse papel da família poderia ter sido assumido por outras instituições sociais. A escola, nas sociedades ocidentais, era evidentemente uma instituição apta para tanto. Mas a escola está ela própria em crise. (CASTORIADIS, 1987b, p.101)

Esta professora trabalha em uma região extremamente violenta, não há infraestrutura na escola e ela é considerada o lugar de refúgio das crianças, um abrigo para fugir, ou esquecer, abusos e espancamentos. A família é outra instituição que, assim como a escola, vive uma grande crise, elas juntas poderiam se ajudar, mas isso não vem acontecendo. Principalmente em lugares onde as pessoas vivem quase na miséria social; os jovens lá não brigam por quem vai ocupar o *tablet*, e sim por qual filho hoje irá para a escola de chinelos e qual irá descalço. Os pais, por não conseguirem emprego, mesmo num estado riquíssimo em recursos naturais, bebem o que não têm e espancam quem veem pela frente, geralmente seus pequenos filhos da fome. E frente a isso, a professora Rose ainda nos apresenta uma belíssima lição, “*o mundo que é imposto não é o único mundo possível, e a forma desta reconstrução é através da educação, é nisso que eu acredito*” (FIUZA, 2009, 44:12min).

Para as carregadoras de sonho, se pudéssemos traduzi-las em poesia seria pelas

palavras de Adélia Prado (1993, p. 11),

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Há nisso uma beleza, por mais que triste, pois essas professoras ainda cantam, elas pintam as unhas e alisam os cabelos para enfrentar a poeira da estrada e ao chegarem à frente da escola passam um batom bonito para alegrar o sorriso que darão aos seus alunos. E as carregadoras de sonhos, terminam sua participação nos dizendo “*pode até ser bonito, mas é muito injusto*” (FIUZA, 2009, 51:48min).

E por mais que haja boniteza, a decadência da instituição escola é tão grande, que nos leva a pensar que ela precisa morrer, para que não se acabem os professores. Sabemos que há outras formas, mas esta escola que está aí, esta escola que o INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – quantifica “para o seu próprio bem”, esta escola faliu. Por isso, “cabe aqui um parêntese relativo a uma questão posta há pouco: como morrem as instituições? Alguém dizia: o nascimento das instituições formula uma questão fácil, o que é difícil de compreender é o desaparecimento das instituições” (CASTORIADIS, 2004, p. 164).

Uma nova escola deve surgir a partir de uma revolução de micro revoluções, o imaginário instituinte deve ser posto em ação, pois as coisas como estão, servem a uma minoria que não somos nós, professores e alunos. Juntamente com a mudança da educação, sonhamos que virá também uma nova sociedade, constituída com base no poder da autonomia dos indivíduos, que irá provocar num “efeito cascata” uma mudança radical nas instituições atuais, na economia, no governo, na vida cotidiana e tudo se baseará na auto-organização das coletividades.

Contanto, concordamos com Maffesoli (1998, p. 13) que diz: “Mas para tanto, não se pode ter medo de tomar parte na destruição de ideais ou de teorias obsoletas, ainda que isso deva perturbar algumas sonolências dogmáticas.”

Entretanto, temos um longo caminho pela frente, pois a autonomia não vem sozinha, a responsabilidade de agir por si mesmo, a consciência de que não há nenhum deus onisciente e que tudo depende das significações que escolheremos, dos símbolos que adotaremos e das instituições que iremos construir; esta responsabilidade requer muito preparo e paciência nos conturbados tempos de mudanças.

Queremos a autonomia da sociedade – bem como a dos indivíduos – tanto por ela mesma como para poder *fazer* coisas. Fazer o quê? Esta é, talvez, a mais grave interrogação suscitada pela situação contemporânea: esse “o quê” diz respeito aos

conteúdos, aos valores substantivos – e é isso que parece estar em crise na sociedade em que vivemos. (CASTORIADIS, 1987b, p.402 – grifos do autor)

O que faremos com a autonomia depois de conquistá-la? Na educação, se quisermos alguns exemplos, basta assistirmos ao documentário *Quando sinto que já sei*, produzido por Antônio Sagrado, Raul Perez e Anielle Guedes, no Brasil, em 2014. O documentário apresenta escolas brasileiras que trabalham pelo viés da educação alternativa, que romperam com o imaginário instituído de escola, que aproveitaram o poder de criação de suas comunidades e, num exercício coletivo, movimentaram/movimentam o imaginário instituinte, transformando em realidade seus projetos de autonomia.

Por exemplo, na Escola de Ensino Fundamental do Projeto Âncora (SP), não há divisão de séries, nem por idade, as crianças convivem em espaços livres de aprendizagem, com forte integração com a comunidade. Os alunos escolhem a matéria e o conteúdo que irão estudar e em que momento, os professores tiram dúvidas quando elas surgem e os estudos podem ser individuais ou em grupos. Num relato de uma estudante, ouvimos o seguinte: “na outra escola eu estava cansada de ficar sentada, ouvindo o professor, sem poder argumentar” (SAGRADO, 2014, 06:39min). Nesta escola o professor é um “provocador” ele provoca a ação das crianças e elas estudam aquilo que lhes desperta interesse a cada momento e, para isso, os professores tem o grande desafio de se reinventar na profissão.

O ofício de professor não é um trabalho como os outros. É claro, os professores devem ser pagos e muito mais do que o são; é claro, eles devem ter condições de trabalho que lhes permitam realizar sua tarefa. Mas não serão medidas sobre esses planos – as únicas que sindicatos e ministros são capazes de contemplar – que responderão à crise do ensino. Sem isso, pode-se eventualmente sair de um liceu como uma besta de concurso, não como alguém aberto ao mundo e apaixonado por esta enorme dimensão da existência humana que é o saber. (CASTORIADIS, 2004, p.289)

Para atuarem nestes espaços novos, onde a criação é incessante, não basta professores que saibam os conteúdos, pois se o ofício de professor já não é um trabalho como os outros nas escolas tradicionais, nestes espaços ele ainda ganha outro tom. Precisamos de docentes abertos para o que é o homem em sua individualidade, que percebam que somos todos animais simbólicos desejosos de prazer, de alegrias, de descobertas. Pois são nestas escolas instituídas pela imaginação radical de um grupo autônomo que está o germe da mudança social e os professores são os seus porta-vozes.

Além desta, a Escola Municipal André Urani, localizada na comunidade da Rocinha, também apostou numa outra maneira de ser escola e iniciou derrubando as paredes, lá não há salas de aulas. Eles utilizam “educopédias”; os estudantes são divididos em grupos multisseriados de aprendizagem chamados “famílias” e os professores são chamados de “mentores”. Pelos relatos no documentário percebemos que a escola se reestruturou em todos os sentidos, a diretora diz que “houve uma mudança total de paradigma” (SAGRADO, 2014, 17:03min), mas que tudo ainda caminha a passos lentos e os adultos, os professores, são quem tem maior dificuldade em se adaptar.

Articulada com a comunidade, a escola quer superar o preconceito com a favela, formando adultos cidadãos, com pensamento autônomo, generosidade e comprometimento. A meta é que os alunos a se transformem em outros, que assumam sua postura de estudantes, daquele que quer buscar o conhecimento e por isso eles tratam o conhecimento como um desafio, onde os jovens precisam buscar soluções para tudo o que se apresenta.

E o essencial da educação que a sociedade contemporânea fornece aos indivíduos não é a educação formal dispensada pelas escolas, mas aquela divulgada cotidianamente

pelos meios de comunicação, sobretudo a televisão, a publicidade etc., e até mesmo além disso, por tudo o que se passa na sociedade, na política, no urbanismo, nas canções... Já dizia Platão que os próprios muros das cidades educam as crianças e os cidadãos. (CASTORIADIS, 2004, p.286)

É indispensável que compreendamos que a escola já não é mais a única fonte de informação da sociedade, ela é mais uma entre tantas. Sua função mudou, assim como seu público. Essa nova constituição de escola nos diz que os estudantes do século XXI não cabem nas salas de aula do século XIX, por isso, é necessário mesmo que se derrubem as grades, as paredes, os sinais sonoros que importamos das fábricas, somos outros. Os diplomas escolares já não nos garantem mais nada no mercado de trabalho; a formação deve buscar indivíduos preparados para estes novos tempos, pois a escola é o início de uma trajetória que não se finda, é ela quem dá o tom.

Tudo está nos livros, na internet, nos meios de comunicação em massa, mas como lidar com esta informação é o que nossos jovens não sabem ao certo e aí se constrói uma nova função para a educação: formar futuros autores e leitores do mundo. E esta responsabilidade se torna mais vital a cada ano, pois o que vemos é a decadência de nossas escolas e universidades por falta disso, outra coisa que Paulo Freire tanto falava, leitura de mundo e ação transformadora.

Ainda nas provocações de Maffesoli (1998, p. 194), na metáfora da iluminação dos sentidos: "Isso se traduz na recusa a opor os fatos afetivos e os fatos cognitivos mas, em vez disso, reconhecer a dinâmica que os une sem cessar. Dinâmica em ação na vida social, dinâmica que deve se encontrar, de fato, no ato de conhecimento."

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Campos Salles (SP) é outra que nos serve de exemplo, uma instituição com mais de mil estudantes, localizada na comunidade de Heliópolis, a maior de São Paulo, com 40mil habitantes. Esta escola foi organizada a partir do modelo político brasileiro, constituindo-se em uma "República de Estudantes", com prefeitos, secretários de diversos setores, comissões, vereadores e representantes de grupos. Essa escola construiu com os alunos o seu Regimento da República, ela também possui salões de estudos multisseriados, assembleias gerais e de representações e realiza periodicamente marchas pela paz na comunidade.

Nas palavras do Diretor da escola, "Prefeito dos Professores", "*qual é o ponto forte do projeto? Trabalho em equipe. Qual é o ponto fraco? Trabalho em equipe*" (SAGRADO, 2014, 24:14min). Professores e alunos relatam este desafio, eleger seus representantes e cobrar dos mesmos as suas ações, perceber que todos são responsáveis pela escola e pela comunidade, sem atribuir a mais ninguém os sucessos e fracassos. O grande ganho de todos na escola está no real exercício da cidadania, da autonomia e da coletividade. Este trabalho inspirado num modelo de democracia, é também um rico instrumento de constante autoavaliação para a escola, avaliação esta desenvolvida pelos seus próprios sujeitos.

O bom juiz de um especialista não é outro especialista, mas o *usuário*: o soldado (e não o ferreiro) quanto à espada, o cavaleiro (e não o seleiro) quanto à sela. E naturalmente, quanto a todos os assuntos públicos (comuns), o usuário - e, portanto, o melhor juiz - só pode ser a própria *polis*. Em vista dos resultados - a Acrópole, ou as tragédias laureadas - sentimo-nos inclinados a pensar que o julgamento desse usuário era bastante acurado. (CASTORIADIS, 1987b, p.306-307)

Concordando com Castoriadis, quando este traz o exemplo da democracia grega, mesmo que problematizássemos como referência, somente os professores e estudantes, "usuários" da escola é quem, de fato, deveriam interferir em sua estrutura. A partir desta vivência cotidiana, é completamente possível nascer um novo ser, transformados da sociedade, que não reproduza a violência, nem o descaso, mas que acredita que há outra maneira de viver em comunidade. Esta relação e preocupação com a comunidade também é

o que movimenta a Escola do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (MG), a partir de um projeto que existe desde 1984, que hoje está em mais de uma cidade.

Estas escolas possuem integração com a comunidade, pedagogia do “pé de manga”, comunidades de aprendizagem e atividades totalmente voltadas para as crianças e seu desenvolvimento. Nas palavras de seu idealizador Tião Rocha, *“aquí a gente não mede carência, e sim fortaleza de cada menino”* (SAGRADO, 2014, 29:15min). Educar uma criança requer consciência e lucidez; isso não pode ser feito pensando apenas nos conteúdos, ou índices, pois a relação pedagógica se estabelece no diálogo, no conhecer o outro e valorizar o que ele tem; é uma relação de afeto e cumplicidade e é nisso que o projeto acredita.

O essencial no tratamento, assim como o essencial da educação, corresponde à própria relação que se irá estabelecer entre o paciente e o médico, ou entre a criança e o adulto, e à evolução desta relação, que depende do que um e outro *farão*. Nem ao pedagogo, nem ao médico pede-se uma teoria completa de sua atividade, que aliás eles seriam incapazes de fornecer. Não diremos por isso que se trate de atividades cegas, que educar uma criança ou tratar um doente seja jogar na roleta. Mas as exigências com as quais nos confronta o fazer são de outra ordem. (CASTORIADIS, 1982, p.92)

Castoriadis fala bastante sobre isso e, quando pensamos nas escolas que optaram por educação alternativa, podemos ver claramente as suas ideias em ação, a escola é muito mais do que um prédio onde jovens são seriados e conformados, a escola possui estruturas sensíveis que ultrapassam nossa compreensão e afetam diretamente na vida de todos que por ela passam. Instituições que conseguem colocar os sentimentos em primeiro plano estão, consequentemente, colocando a aprendizagem também, pois não há educação onde há medo, ou tédio.

Nisso também acredita a Escola Municipal Sebastiana Luiza (SP), que possui espaços de aprendizagem, aulas passeio, participação da comunidade na escola, os grupos de estudos são divididos em dois temas - pesquisa e alfabetização -, e esses temas são divididos em espaços. A diretora conta que as crianças estavam muito acostumadas a estarem na rua e a alternativa pensada pela escola foi transformar outros lugares, em espaços de aprendizagem. Refletindo sobre isso, uma das professoras da escola diz, *“quando a gente passeia não estamos aprendendo só os conteúdos estipulados pelo MEC ou pelo município, mas estamos aprendendo a viver uma vida sociável, cumprimentando as pessoas, sendo humanos”* (SAGRADO, 2014, 39:09min).

O “sentido” com o qual o homem deseja (e deve) sempre investir o mundo, a sociedade, a sua pessoa e a sua vida, não é nada mais do que esta formação, esta *Bildung*, esta organização, ensaio perpétuo, e perpetuamente em perigo, de tomar em conjunto em uma ordem, uma organização, um Cosmos, tudo o que se apresenta e tudo que ele faz, ele próprio, surgir. (CASTORIADIS, 2002, p.231)

É no investimento naquilo que faz sentido que diferencia estas escolas das outras, nesta última em especial, uma escola sem paredes, sem classes, sem turmas, sem aulas, uma escola livre e aberta ao sensível e tudo que implica trabalhar no aprimoramento da formação humana. Quando o homem organiza seus espaços apenas de maneira racional, ele reproduz, repete o que já conhece e acaba prolongando o que está posto. Por outro lado, quando ele institui o mundo poeticamente, ele está dando contorno e luz ao que antes era pedra dura; é assim que surge a arte em suas diversas manifestações e assim pode surgir, também, uma nova escola.

Nosso movimento como agitadores do pensamento, sugere Maffesoli (1998, p. 196):

É para dar conta disso que o intelectual deve saber encontrar um *modus operandi*

que permita passar do domínio da abstração ao da imaginação e do sentimento ou, melhor ainda, de aliar o inteligível ao sensível. (...) Assim fazendo, à imagem do poeta, ele se torna capaz de evocar aquelas ideias mobilizadoras, aqueles 'mitos encarnados' em ação na estruturação social. Haveremos, então, de encontrar aquela 'fruição pensante', ou, ainda, o que Goethe, no Fausto, denomina 'fruição acompanhada de consciência' (Gennus mit Bewusstsein) própria a exprimir a fruição da vida em suas diversas modulações.

É o desafio de integrar, a experiência sensível, marca do viver cotidiano a progressão intelectual que temos experimentado trabalhando com a sétima arte para ampliar o conceito de formação de professores, na perspectiva do sensível, alcançando na ampliação de repertórios culturais a dimensão ética, estética e política, sugerido pelo campo do imaginário.

Como a Escola Alfredo J. Monte Verde (RN), um projeto de educação construído pelo Instituto de Neurociência Edmond e Lily Safra, que possui educação transdisciplinar, três unidades em distintas cidades e reuniões com professores de escolas da região. A instituição é um projeto no contra turno da escola regular dos estudantes, oferecendo um outro modelo de educação, onde elas são protagonistas da própria aprendizagem. Um lugar onde se desenvolve conhecimentos científicos, sociais e de autonomia, com assembleias gerais para discussão do andamento do mesmo, intervalo com professores e alunos juntos – sem salas de professores –, e turmas multisseriadas divididas em projetos.

E sobre esta relação estreita entre aluno e professor, fator que qualifica todo o universo escolar, o documentário fala, e Castoriadis (2004, p.289) reitera:

Ninguém falava da relação alunos-professores, que é o cimento desta história, sem a qual não pode existir pedagogia e nem mesmo instrução. Não há pedagogia se o aluno não investe ao mesmo tempo, no sentido mais forte do termo, o que aprende e o processo de aprender; e ele não pode fazê-lo, pois o ser humano é feito assim, senão por intermédio do investimento de uma pessoa concreta, por intermédio de um Eros platônico. Ora, essa pessoa não é e não pode ser um assalariado como os outros. Isso não é dito, não se ousa dizê-lo, porque há a FEN, o SNES, o SGEN, o SNE-sup etc., cuja única preocupação é a grade dos salários e as "condições de trabalho", como em qualquer outro ofício. Ninguém ousa levantar a questão da capacidade dos professores de suscitar o Eros de seus alunos.

A partir do momento em que a sociedade e, particularmente, os professores instituírem que a docência é uma profissão singular e requer organização distinta, é possível que isso cause um salto impensável na qualidade de nossa educação. E a formação de professores está diretamente relacionada a isso, pois temos, como formadores de formadores, muita responsabilidade com o que estávamos "levando pela mão até a escola". Ensinar, seja na escola ou na universidade, é ajudar os sujeitos a adquirir a própria autonomia; levá-los a amar, apaixonadamente, o saber e seu processo de aquisição e isso só acontece se houver reciprocidade na relação pedagógica.

Como no exemplo da Escola Livre Inkiri (BA), um projeto de Educação Infantil que visa a educação para a autonomia, possui um intenso contato com a natureza e integração com a comunidade, através de educação não diretiva. "À ecologização do mundo deve corresponder uma ecologia do espírito." (Maffesoli, 1998, p.193). O importante nesta escola é a livre criação e desenvolvimento das crianças, os professores não direcionam as expressões, pois acreditam que cada um tem dentro de si a sua forma de evoluir, a escola só é um espaço protegido para que isso aconteça. Entretanto, é afirmado, com preocupação, pela "professora/diretora/faxineira" que não é por isso que há ausência de regras, na escola livre as crianças também aprendem sobre ordem, regras e disciplina, só que de maneira dialogada, sem xingamentos, sem desrespeito, sem dor, constrangimento ou imposição.

É muito claro o que essas escolas alternativas propõem, elas partem do princípio

de que ninguém vai mudar por nós, e somos nós, indivíduos, educadores, quem podemos provocar algum movimento instituinte dentro da escola. Não podemos continuar investindo nossa energia numa educação que não acreditamos, é um exercício cansativo e insano. A educação só acontece no plural e aí está a importância das relações com a comunidade, onde as criações tomam força. Nas palavras de Manoel de Barros (2010),

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Também pensamos em “renovar o homem” e acreditamos que isso ainda possa ser feito através da educação, uma educação que valorize as borboletas e os sentimentos. Mas porque isso é tão difícil? Porque não se pensa com mais criatividade a partir do Artigo 15 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB?

Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público. (BRASIL, 1996)

Todas as escolas citadas neste texto são reconhecidas pelo Ministério da Educação, as escolas precárias das carregadoras de sonhos e as escolas alternativas, todas elas baseiam-se na LDB e a partir dela são escolas iguais. A grande diferença está na maneira com que cada uma vê o que a legislação apresenta, está na gestão escolar de cada uma e todos os órgãos e dispositivos que esta gestão movimenta. Algumas já iniciaram grandes movimentos instituintes na sociedade, outras ainda estão presas ao imaginário instituído de escola.

Uma pausa para respirar, refletir e seguir em frente: quem faz a educação somos nós

Quando apresentamos nossas reflexões a partir dos documentários citados acima não estamos, em hipótese alguma, querendo julgar, ou comparar, o trabalho das professoras e demais profissionais da educação que dão voz aos filmes. Nosso intuito é mostrar que a educação brasileira carece de mudanças, existem pontos extremos em que não se tem a mínima condição para o exercício da educação, ao mesmo tempo em que já se veem lugares que buscaram alternativas para superar as dificuldades impostas pela violência, falta de estrutura, baixos salários e precárias condições. Abrir os olhos para o quem vem sendo enfrentado cotidianamente pelos professores é uma necessidade, e refletir o que fazemos nós – profissionais da educação – a respeito disso, é uma urgência.

Castoriadis (1987b) nos diz que a escola contemporânea se propõe a dois objetivos muito contraditórios, ao mesmo tempo que absurdos, pois fabricar indivíduos predestinados a ocupar tal ou tal lugar na sociedade instituída e, ao mesmo tempo, dar livre curso à expressão ao desenvolvimento do indivíduo, é insano. Nossa sociedade não está à espera de indivíduos autônomos, isso é uma falácia, se fosse verdade, não mediriam o

rendimento dos nossos estudantes pensando exclusivamente no desenvolvimento econômico global, se fosse verdade, não teríamos tão altos índices de evasão. Nossos estudantes estão cansados da escola e nós sabemos disso, nós também estamos cansados, mas porque nada muda?

Eu gostaria muito que alguém contestasse por um momento, com argumentos racionais, o direito dos alunos de colocarem, desde que disso sejam capazes, a questão: Por que, e em que o que nos ensinam é interessante ou importante? Eu gostaria muito que alguém refutasse a ideia de que a verdadeira educação consiste também em levar os alunos a terem a coragem e a capacidade de colocar este gênero de questões e de discuti-las. (CASTORIADIS, 2002, p.31)

Cabe a educação desenvolver nos sujeitos a autonomia, a reflexão, a criticidade, a pedagogia não pode se resumir ao ensino de matérias específicas, ela precisa desenvolver a capacidade de aprender do sujeito, de descobrir, de inventar. É claro que para isso existem conteúdos e disciplinas importantes, mas vai além, é preciso ir além e para Castoriadis (1987c, p.156-157), dois princípios devem ser defendidos: “todo processo de educação que não visa a desenvolver ao máximo a atividade própria dos alunos é mau; todo sistema educativo incapaz de fornecer uma resposta racional à pergunta dos alunos – por que deveríamos aprender isso? – é defeituoso”.

Para que haja uma sociedade democrática, autônoma, livre, a educação não pode ser diferente, “pode-se dizer que uma sociedade democrática é uma imensa instituição de educação e de auto-educação permanentes de seus cidadãos” (CASTORIADIS, 2002, p.84). Vimos isso nas escolas alternativas, um projeto de educação que envolve toda a sociedade, todos os segmentos e almeja uma transformação radical nesta instituição primeira. Mas uma sociedade lúcida e democrática é tudo o que não temos no Brasil, pois vivemos imersos numa apatia política e criativa que não nos permite ver além da tela da televisão.

Nem tampouco se haverá de esvaziá-la pela habitual conspiração do silêncio. É certamente tentador. E é frequente que acadêmicos e jornalistas, cada um em seu domínio respectivo, lancem mão desse expediente. De fato, é mais cômodo ceder às facilidades da mídia, adotar construções teóricas cujos contornos já sem conhecidos. (MAFFESOLI, 1998, p.15)

Mas não devemos ser ingênuos achando que modificando nossas escolas tudo estará resolvido, a educação começa com o nascimento do indivíduo e termina com a sua morte e entre isso, tudo pode, ou não, ser educativo.

Ainda aproveitando um devaneio poético, Barros e Rossetto (2014, p. 102) na recuperação do paradigma estético em Maffesoli e a ambiência emocional como lugar da argumentação, apontam: "Precisamente esse é o sentido que se postula de uma sensibilidade autoral no imaginário do artista contemporâneo."

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BARROS, Eduardo Portanova. **Maffesoli**: entre a ciência alegre e o demasiado humano. Aproximações de uma Sociologia Anarquista. São Leopoldo: OIKOS, 2014.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996
- BRASIL. MEC/INEP. **PISA**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pisa->

- programainternacional- de-avaliacao-de-alunos> . Acesso em: 25 de junho de 2015.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto II** – domínios do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto III** – o mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987c.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto IV** – a ascensão da insignificância. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto VI** – figuras do pensável. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FIUZA, Deivison. **Carregadoras de Sonhos**. [Documentário-vídeo]. Produção do Sindicato dos Professores de Sergipe. Direção, roteiro e montagem de Deivison Fiuza. Brasil, 2009. Duração de 65 minutos. Som e imagem.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- PRADO, Adélia. **Bagagem**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- SAGRADO, Antônio; PEREZ, Raul; GUEDES, Anielle. **Quando sinto que já sei**. [Documentário-vídeo]. Produção e direção de Antônio Sagrado, Raul Perez e Anielle Guedes. Brasil, 2014. Duração de 78 minutos. Som e imagem.

Recebido em: 04/09/2015

Aprovado para publicação em: 20/05/2016